



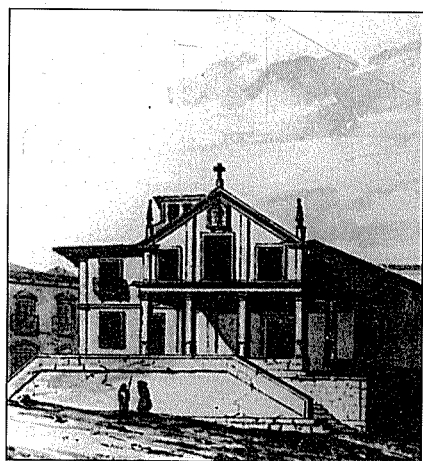
# O TRIPEIRO

Director: Eng.º Francisco de Almeida e Sousa • Propriedade: Associação Comercial do Porto • Administração: Associação Comercial do Porto

Sede: Palácio da Bolsa — Rua Ferreira Borges — Telef. 2002728 — 4000 PORTO • Fotocomposição: Mabreu — Impressão: Tip. Ramos dos Santos — Porto

Dep. Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. N.º 107643 • Distribuição: Mário Silva Braga, Lda. — R. Duque de Terceira, 271 — 4000 Porto

Tiragem 5000 exempl. • Revista Mensal • Preço 400\$00 • Assinatura: Anual 4.000\$00



CAPA: Antiga Capela  
de Santo António do Penedo

7.ª SÉRIE (SÉRIE NOVA)

ANO X/N.º 11

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>O PADRE PANTALEÃO DA ROCHA DE MAGALHÃES<br/>E A CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DO PENEDO</b> — por Joaquim Jaime B. Ferreira Alves          | 330 |
| <b>Obras de Amor no Porto – 2 - O 1.º CENTENÁRIO DO INSTITUTO PROFISSIONAL DO TERÇO</b> — por Agostinho Chaves                          | 333 |
| <b>O COMÉRCIO RETALHISTA NA CIDADE DO PORTO DE FINAIS DO SÉCULO XIX (IV)</b> — por José Alberto Rio Fernandes                           | 338 |
| <b>ÓSCAR DA SILVA</b> — por Estêvão Samagaio  | 342 |
| <b>COSTA BROCHADO – Jornalista e Historiador</b> — por Alexandrino Brochado   | 350 |
| <b>TEATRO ESPANHOL NO PORTO SEISCENTISTA</b> — por Manuel Leão  | 353 |
| <b>A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO FERRO<br/>E O PERDÃO QUE ERA CONCEDIDO AOS CONDENADOS À FORÇA...</b> — por Fernando J. Moreira da Silva | 357 |
| <b>MEMÓRIAS DOS ANOS 40</b> — por Ercílio de Azevedo  | 359 |

## O COMÉRCIO RETALHISTA NA CIDADE DO PORTO DE FINAIS DO SÉCULO XIX

### IV

Por JOSÉ ALBERTO RIO FERNANDES

#### A NOVA «BAIXA»

No início do século XIX «a Praça» (Nova das Hortas, ou simplesmente Nova a princípio, e de D. Pedro desde 1833), é um espaço com crescente significado económico e social na cidade, em contraponto aos eixos Ribeira-Infante e S. Domingos-Flores que começam a acusar alguma perda de significado e prestígio, a favor de um espaço que esboça alguma afirmação como local privilegiado de reunião dos portuenses e como área preferencial de localização de actividades económicas emergentes e de abertura dos estabelecimentos mais requintados.

Dá-se portanto uma migração da generalidade das actividades económicas da cidade vocacionadas ao atendimento ao público para a área definida em torno da Praça de D. Pedro mas, na medida em que aqui se dá a abertura da quase totalidade dos novos estabelecimentos comerciais de actividades pré-existentes ou de novas actividades, posicionam-se na área definida em torno da Praça de D. Pedro. Desta forma a «Baixa» e a «rua comercial», mais que o resultado de uma migração ou concentração de unidades antes diluídas no tecido urbano, são, essencialmente, o resultado da nova sociedade industrial que gerava novos produ-

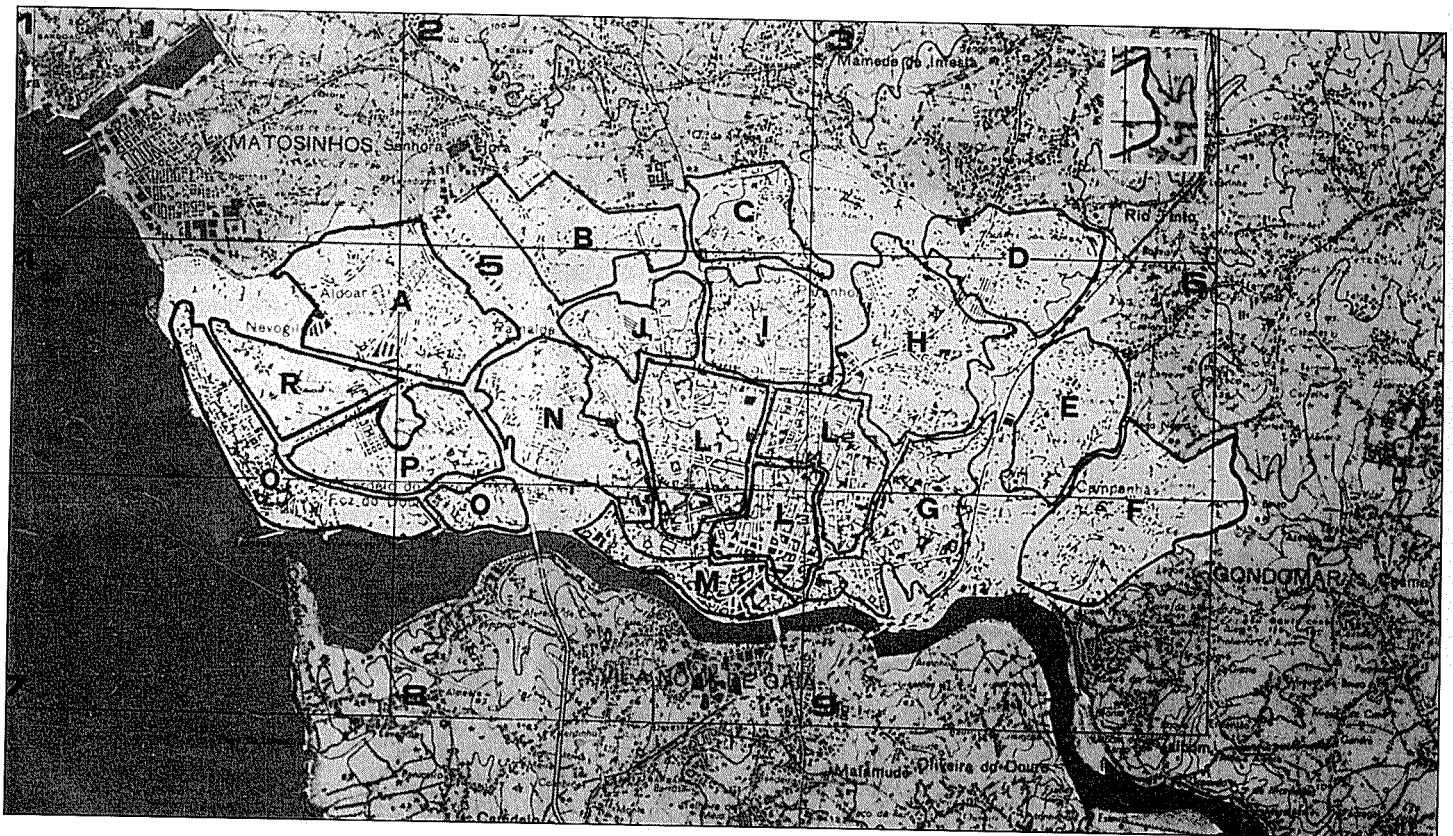
tos, novos serviços e uma desagregação funcional entre a produção e a comercialização.

A Praça Nova vai-se afirmar como o espaço central desta área que funcionalmente se torna em breve como a mais significativa da cidade, para tal contribuindo não só as condições de acessibilidade que possui, como a imagem que transmite e a funcionalidade que dispõe.

Em meados do século, este espaço, recentemente beneficiado com um novo pavimento, era já o centro de reunião de negociantes e, sobretudo, de intelectuais, constituindo o mais importante cen-



Praça Nova (actual da Liberdade), fachadas Norte e Nascente, vendo-se o edifício da Câmara, a estátua de D. Pedro IV e o «Quiosque do Sebastião».



Unidades Territoriais

Fonte: *Plano Geral de Urbanização*, C. M. do Porto, 1987.

tro da vida portuense. A estátua equestre de D. Pedro IV em 1868 aumenta a riqueza arquitectónica de um espaço que, já então, tinha o maior significado simbólico, com a Câmara a norte, os Congregados a leste e o edifício «da Cardoso» a sul.

Nos finais do século, a Praça, com os seus cafés, cervejarias e restaurantes a «vivificá-la», com as intensamente ocupadas e circuladas ruas de S. António e Clérigos a desaguar nela, o seu D. Pedro no centro, protegido por um belo gradeamento, exibindo do alto do cavalo a carta constitucional e com o «Domus Municipalis» a encimá-la, do alto do qual, a dominá-la, olha-a a célebre estátua do Porto (hoje exilada nos jardins do Palácio), a Praça era já, definitivamente, o «centro», a nova «Baixa» da cidade, migrada para cotas mais altas, para o vale elevado do Rio da Vila, riacho pestilento que vai desaparecer sob a Rua de Mouzinho da Silveira que se abre.

Socialmente, no Porto, o Passeio da Cardoso, mais ainda que o Camanho, a Farmácia Lemos, o Lino, ou a Livraria Moré, era o local predilecto de encontro. E eram tantos os que aí se concentravam, cavaqueando, discutindo e desfrutando da animação do movimento dos passantes que alguns lhe chamavam o «Aquário dos imbecis», a maioria o «Pasmatório dos Lóios» enquanto que, outros ainda, costumeiros no local, criavam uma associação de estatuto incerto, a que chamaram de «Real Clube dos Encostados». Na década de oitenta do século passado aqui se situava já, afinal, senão o principal centro financeiro, certamente que o centro cívico, o centro social, o «...centro comercial da cidade, Praça Nova, Lóios, Rua de Santo António e Clérigos, [onde a maioria d]as lojas tinham melhor aspecto, algumas eram grandes, claras, já com um tom de brilho moderno, que contrastava com a maior parte das cafurnas sombrias da rua das Flores, das Hortas [tramo sul da actual do Almada], etc.» (1).

### N.º DE ESTABELECIMENTOS POR UNIDADE TERRITORIAL E POR CONJUNTO DE ACTIVIDADES

|    | B     | C     | D      | E      | F     | G      | H     | I      | J     | K      | L      | M   | N | O    |
|----|-------|-------|--------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|--------|-----|---|------|
| 2  | UNID. | COM.  | ARTIG. | ARTIG. | LAZER | COMB.  | SAÚDE | CAFES. | SERV. | PROF.  | SERV.  | TO  |   |      |
| 3  | ORDEN | ALIM. | PESS.  | CASA   | CULT. | TRANS. |       | RES.HO | PESS. | LIBER. | FINAN. | TAL |   |      |
| 4  | A     |       |        |        |       |        |       |        |       |        |        |     |   |      |
| 5  | B     |       |        |        |       |        |       |        |       |        |        |     |   |      |
| 6  | C     |       |        |        |       |        |       |        |       |        |        |     |   |      |
| 7  | D     |       | 1      |        |       |        |       |        |       | 1      |        |     | 1 |      |
| 8  | E     |       | 4      |        |       | 1      |       |        |       | 1      |        | 1   |   | 4    |
| 9  | F     |       | 37     |        |       |        |       |        |       | 1      |        |     |   | 5    |
| 10 | G     |       | 11     | 16     | 7     | 7      |       | 5      | 5     | 3      | 14     |     |   | 94   |
| 11 | H     |       | 6      | 8      | 1     | 1      |       |        | 1     |        | 1      |     |   | 23   |
| 12 | I     |       | 2      |        |       |        |       | 1      |       |        | 1      |     |   | 8    |
| 13 | J     |       | 58     |        |       |        |       |        |       |        | 1      |     |   | 3    |
| 14 | L1    |       | 40     | 22     | 16    | 9      |       | 6      | 8     | 13     | 69     | 1   |   | 202  |
| 15 | L2    |       | 166    | 27     | 11    | 2      |       | 6      | 5     | 8      | 21     |     |   | 120  |
| 16 | L3    |       | 130    | 382    | 155   | 87     |       | 29     | 97    | 35     | 134    | 29  |   | 1115 |
| 17 | M     |       | 5      | 168    | 59    | 36     |       | 13     | 19    | 15     | 49     | 54  |   | 543  |
| 18 | N     |       | 5      |        |       |        |       |        |       |        | 2      |     |   | 7    |
| 19 | O     |       | 2      |        |       | 1      |       | 2      |       | 1      | 2      |     |   | 13   |
| 20 | P     |       | 28     |        |       |        |       |        |       | 1      |        |     |   | 1    |
| 21 | Q     |       | 3      | 1      |       |        | 2     | 3      | 15    | 13     | 14     |     |   | 75   |
| 22 | ?     |       | 6      | 2      |       |        |       |        | 2     | 2      | 1      | 2   |   | 18   |
| 23 |       |       | 496    |        |       |        |       |        |       |        |        |     |   |      |
| 24 | TOTAL |       |        | 632    | 251   | 144    | 2     | 65     | 152   | 91     | 312    | 87  |   | 2232 |

Fonte: *Almanaque do Porto e seu Distrito*,  
Porto, A. G. Vieira Paiva, 1881

### DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL

De largos séculos marcados por uma forte concentração da população e do espaço construído, passa-se, ao longo do século XIX, para uma estrutura marcada por uma concentração sobretudo económica, num tecido urbano mais extenso e em franco crescimento. Esse novo espaço de concentração funcional é a «Baixa», que verá a sua importância e significado aumentar, face a uma periferia onde a residência e a indústria são as ocupações quase exclusivas do espaço construído, a par duma agricultura que continuará a preencher uma parte extremamente importante do território municipal do Porto.

A distribuição funcional pauta-se pois por uma forte concentração na área central, sobretudo ao nível do sector terciário, sendo que as unidades territoriais confundíveis de certa forma com o núcleo medieval e o núcleo funcional principal da cidade de hoje, sediavam cerca de 75% do total de estabelecimentos comerciais. Por outro lado, a nova «Baixa» era já uma clara realidade, como o confirma a existência nesta área de 1115 dos 2232 estabelecimentos comerciais que o Porto possui.

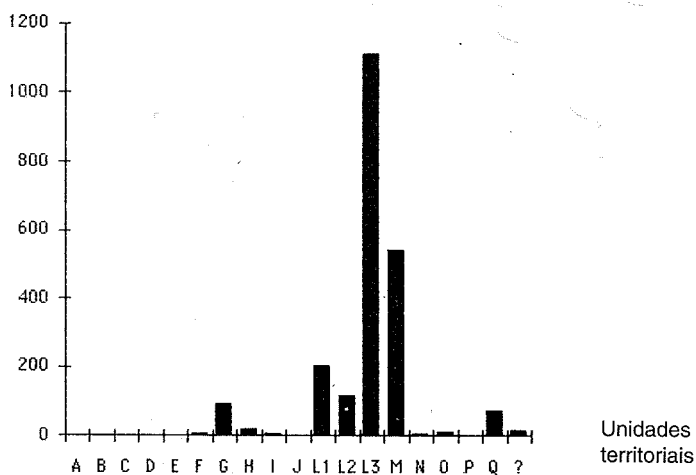
Nota-se também uma clara relação entre o número de estabelecimentos e a distância ao centro, sendo possível identificar dois anéis com compor-

tamentos distintos, constituídos pelas unidades territoriais que compõem um anel pericentral e as que constituem um anel periférico a esta. E, se bem que o processo de urbanização, no seu avanço para a periferia, não permita ainda a viabilização económica de um número elevado de estabelecimentos afastados do centro, a comparação com os quantitativos populacionais por freguesia permite visualizar uma clara distorção da distribuição a favor da proximidade do centro.

A quase ausência de estabelecimentos comerciais na periferia resultará em grande medida de uma franca preferência pelas actividades económicas pelo centro e pelos bairros ricos, pois que os bairros pobres que se criavam na periferia do centro desempenhavam um papel repulsivo, onde o nível de vida dos residentes era considerado baixo de mais para enriquecer os comerciantes. Mas, seguramente que outros factores se articularam, por forma a fazer emergir em torno da Praça de D. Pedro um espaço fortemente marcado pela ocupação terciária.

Neste panorama, marcado por uma forte oposição entre o centro e a periferia, a Foz, junto ao mar, emerge como um bairro elegante, excêntrico, e uma significativa ocupação funcional (75 estabelecimentos) explica-se pelo apoio a um número

Estabelecimentos



Número total de estabelecimentos comerciais e de serviços de natureza económica, por unidade territorial (1882)

Fonte: *Almanaque do Porto e seu Distrito*, A. G. Vieira Paiva, 1881

crescente de residentes e, em larga medida, ao elevado número dos que, nos meses de Verão «...costumavam fechar as suas casas da cidade (...) e vinham passar uns meses à beira-mar» (2).

Por outro lado, note-se que, no espaço periurbano que rodeia as unidades territoriais mais centrais, uma única unidade, definida em torno da Estação de Campanhã, apresenta 94 dos 130 estabelecimentos existentes neste espaço e onde a Rua de Costa Cabral possui grande parte dos restantes (23).

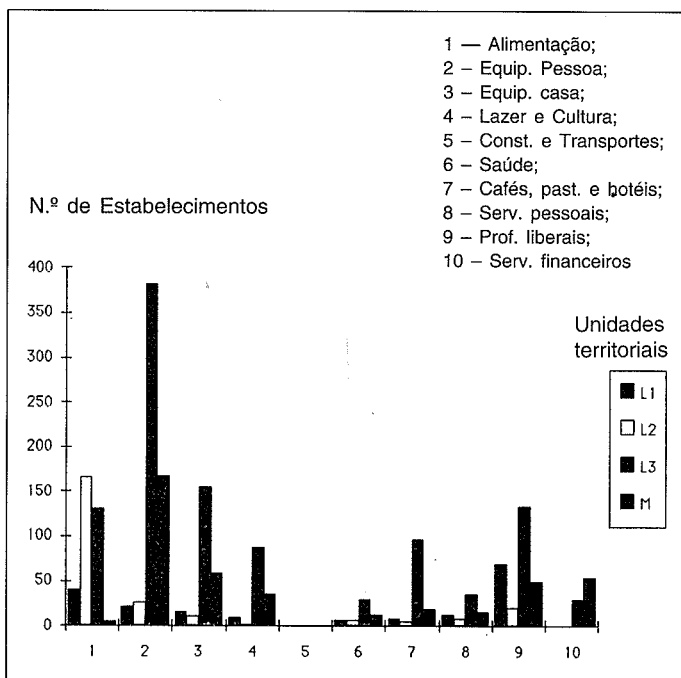
Em suma, a distribuição do comércio na cidade do Porto de finais do século XIX, marca-se por uma concentração muito elevada, com a «nova Baixa» a sediar metade do total dos estabelecimentos, enquanto na periferia imediata (sobretudo a Sul e Este) e na Foz se localizam praticamente todos os restantes estabelecimentos comerciais.

Qualitativamente, denota-se uma distribuição mais homogênea de certo tipo de comércio e serviços de natureza económica, como as mercearias, padarias e farmácias e, inversamente, uma manifesta concentração por parte da generalidade das

restantes actividades, sendo notório o elevado número de funções que estão representadas apenas na «Baixa» e Núcleo Antigo. É o caso das casas de venda de chá e café (também chamados de «artigos coloniais») no conjunto Alimentação, das camisarias, luvias e casas de venda de malas e de armas de fogo no conjunto Equipamento da Pessoa, dos estabelecimentos comercializando estofos, papel de parede, artigos de electricidade, candeeiros, máquinas de costura e quinquilharias no conjunto Equipamento da Casa, das livrarias, papelarias, casas de venda de artigos musicais ou de artigos religiosos no conjunto Desporto, Lazer e Cultura, dos oculistas ou casas de aplicação de sanguessugas no conjunto Saúde e Beleza, das cervejarias no conjunto Horeca e dos bancos, seguros, dentistas, agências de passaportes, fotógrafos e cabeleireiros de senhoras dentro dos Serviços de Natureza Comercial.

Internamente, a outra escala, assiste-se à mutação de um panorama marcado por uma estrutura medieval, de agrupamento funcional por arruamento, para uma segregação sobretudo entre a ocupação residencial e funcional, mas onde, apesar de tudo, a tendência para a proximidade de unidades de uma mesma função central se mantém.

Assim, definem-se circuitos, deslocamentos orientados pelo produto ou serviço que se procura e, «enquanto as raparigas, as cachopas, compram nos Clérigos ou na Rua das Flores as suas vestes garridas e os seus pingentes de ouro, as mães, a tia Joaquina, a tia Maria (...) mercam no Largo de S. Bento o açúcar, o café, o arroz de que precisam para o governo da casa» (3).



Número de estabelecimentos nas unidades territoriais M, L1, L2 e L3 por agrupamento de actividades comerciais e serviços de natureza económica (1882).

Fonte: Almanaque do Porto e seu Distrito para 1882, Porto, A. G. Vieira Paiva, 1881.

#### NOTAS

(1) Alberto Pimentel, *O Porto há trinta anos*, Magalhães & Moniz, 1893 p. 230.

(2) Artur de Magalhães Basto — *A Foz há trinta anos*, Porto, Edições do Colégio Brotero, 1939, p. 33.

(3) Alberto Pimentel — *Op. Cit.* (1893), p. 27.